



# O DESBRAVADOR

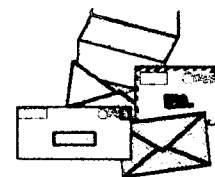
ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



## VÁRIOS TÍTULOS DE UMA MESMA MÃE

Maria, Mãe de Deus e Nossa Mãe é honrada com diversos títulos. Para os desamparados Ela é a Senhora do Perpétuo Socorro. Para os que precisam de luz, Ela é a Mãe do Bom Conselho. Para nós brasileiros, é a Senhora Aparecida. Para todos é refúgio, consolo, amparo.

# Escrevem os leitores



*"Ao ler os exemplares que chegam às minhas mãos fico emocionada, pois cada texto escrito me proporciona um novo aprendizado. Parabéns pelo lindo trabalho de todos dessa equipe."*

**MARIA DO CARMO SILVA**  
**VITÓRIA - ES**

*"Recebo "O Desbravador" com muita alegria e proveito a leitura. A última capa, de Nossa Senhora do Bom Conselho vou colocar num quadro."*

**MARIA JOSÉ RENNÓ**  
**CAMPINAS - SP**

*"Eu sou seminarista e gostaria de assinar a revista "O Desbravador"... "O Desbravador", que eu li pela primeira vez, foi um que eu ganhei de um padre que trabalha aqui no seminário."*

**MARCOS R. DE ALMEIDA**  
**JACAREZINHO - PR**

*"Gostaria de receber a revista "O Desbravador". Como proceder para ser assinante da mesma?"*

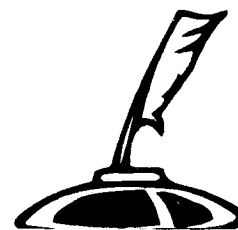
**CARLOS ALBERTO BERSOT**  
**CONCEIÇÃO DE MACABU - RJ**

*"Através de minha professora tomei conhecimento da existência desta maravilhosa revista. Gostaria de passar a recebê-la também e poder divulgar entre meus familiares."*

**ABEL SOARES VIEIRA**  
**SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP**

*"Conheci o Desbravador através de um amigo e senti o belíssimo trabalho que vocês realizam para o bem das almas e a minha foi tocada com a profundidade das palavras contidas neste pequeno jornal. Gostaria de passar a receber este belíssimo maná que para mim caiu dos céus, num momento em que mais precisei".*

**MANOEL PEDRO RANGEL NETO**  
**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ**



## **O DESBRAVADOR**

**PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"**

**DIRETOR**  
**MESSIAS DE MATTOS**

**ASSISTENTE DE DIREÇÃO**  
**PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO**  
**ANSELMO LÁZARO BRANCO**  
**MOACIR ANDRADE DE PAULA**

**SUPERVISÃO**  
**HERIBALDO CARDOSO DE BARROS**  
**GERALDO JOSÉ DE MATOS**  
**JANILSON ALVES DIAS**

**REDAÇÃO**  
**PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA**  
**REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS**  
**RONILSON VERÍSSIMO**  
**NILTON RODRIGUES DOS SANTOS**  
**LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA**  
**FRANCISCO DE ASSIS SILVA**

**SECRETARIA**  
**PATRICIA MIDÕES DE MATOS**  
**MARIA DO CARMO MAZZI RUFFINO**  
**SHEFFERSON SANDER FERREIRA**

**EXPEDIÇÃO**  
**JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO**  
**GERSON FERNANDES DOS SANTOS**  
**ROGÉRIO VERÍSSIMO**  
**MANOEL RAIMUNDO S. MOURA**

**COMPOSIÇÃO**  
**ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"**



**CORRESPONDÊNCIA**  
**CAIXA POSTAL - 1525**  
**01059 - 970 SÃO PAULO SP**  
**E-MAIL: gjmatos@uol.com.br**

# Editorial

**C**onta-se que quando a grande Santa Teresa-de Jesus iniciou a reforma do Carmelo, ela possuía apenas quatro moedas para seu empreendimento.

Diante disso ela afirmou que quatro moedas nada faziam. Quatro moedas e Teresa também não, mas com Deus a obra de restauração do Carmelo seria executada e assim foi feito.

Na vida de São João Bosco há um episódio semelhante. Ao começar a construção da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, ele deu ao mestre de obras algumas moedas, dizendo que era tudo que possuía para a construção. O mestre de obras, ex-aluno de D. Bosco pensou que o santo enlouquecera.

D. Bosco, lendo o pensamento de seu ex-aluno disse que a igreja era de Nossa Senhora e Ela cuidaria de construí-la.

Dito e feito, quatro anos, após a monumental igreja estava pronta. Dizia-se que cada tijolo era um milagre de Maria Santíssima.

O que os dois santos mencionados fizeram foi ter uma confiança inquebrantável na Divina Providência e a Fé do grão de mostarda de que fala o Evangelho.

Quanto Deus encontra uma alma com essas disposições operam-se as maravilhas das grandes obras. Infelizmente hoje são muito poucos, raros mesmos aqueles que aceitam os planos de Deus, cooperam com eles e tornam-se instrumentos da Providência.

Por que nós não sacudimos nossa preguiça, não desprezemos nossa soberba, não afastamos nossa cobiça, não esmagamos nossa sensualidade e pomos mãos à obra no serviço de Deus?

Quanta glória daríamos a Deus se assim procedêssemos.

Vamos começar a tarefa. Vamos encetá-la agora, já. Ao terminar esta linhas peça forças a Nossa Senhora, rezando uma Ave Maria e com auxílio de tão boa Mãe maravilhas ocorrerão.



“O HOMEM SÓ PODE ACHAR PAZ DE CORAÇÃO NO  
CONHECIMENTO DA VERDADE E NA SANTIDADE DE VIDA”  
(SANTO AGOSTINHO)

# O NOSSO EXEMPLO

Certa vez, um homem afastado de Deus, descrente das Verdades Eternas, na sua última doença foi internado em um hospital aonde trabalhavam umas irmãs de caridade.

Dias após, o doente prestes a morrer e dar contas a Deus de sua vida pede que lhe tragam um padre ao qual se confessa e que lhe dá os outros Sacramentos, com isso morrendo penitente, na amizade de Deus.

Antes de morrer declarou que o fizera mudar de pensamento e reconciliar-se com Deus era o exemplo das irmãs. Disse-lhe que era impossível alguém dedicar-se aos doentes desinteressadamente, cuidar deles com tanto amor, após terem renunciado ao mundo, como se não houvesse uma vida eterna. E isso foi fundamental na conversão dele.

Será que o mundo de hoje não espera exemplos assim? Será que nós que nos dizemos cristãos, que nos proclamamos católicos não falhamos, deixando de dar o exemplo de vida que de nós se requer?

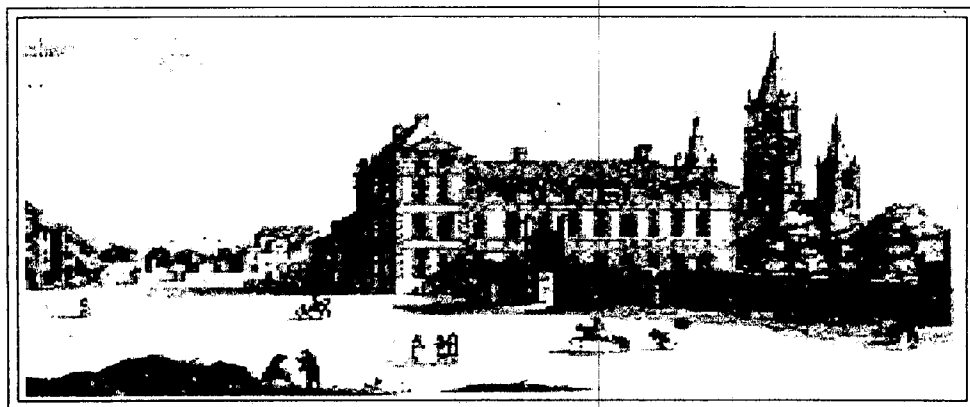
Nos primórdios da Igreja Católica os pagãos diziam: “Vede como se amam os cristãos”. Esse testemunho foi maravilhosos na conversão do mundo pagão de então.

Damos nós católicos deste fim de século XX esta mostra de caridade cristã? Amamos, querendo a salvação do próximo, aos outros? Fazemos algo nesse sentido?

Ou será que vivemos prisioneiros de nosso egoísmo julgando-nos “bons”, os “únicos eleitos”, os “melhores”?

Se estamos entre os primeiros, continuemos. Peçamos a Nossa Senhora que nos faça perseverar e progredir.

Se, infelizmente somos dos últimos peçamos a Nossa Mãe Celestial que nos converta e faça de nós verdadeiros católicos, exemplo de vida cristã.



# Santo Isidoro

## Um santo entre os campônios

Isidoro se santificou na humilde condição de agricultor, trabalhando nos campos e banhando os sulcos da terra com o seu suor. Nasceu em Madrid, capital da Espanha, no ano de 1100, de pobres genitores, os quais o educaram no santo temor de Deus, ensinando-lhe o ofício de camponês. Foi posto a serviço de um senhor madrileno chamado João Vergas, o qual lhe confiou a cultura de suas terras. Levantava-se muito cedo para ouvir a Santa Missa e praticar as suas devoções; e era sempre pontual à hora do trabalho. Sentia um terno amor para com a gloriosa Rainha dos Anjos, e andando pela estrada ou trabalhando nos campos recitava a Saudação Angélica com gosto particular. Alguns invejosos, instigados pelo demônio, não deixaram de criticar a sua piedade e contaram ao patrão que Isidoro perdia o tempo nas Igrejas, deixando o serviço do campo.

O crédulo patrão foi um dia observar o procedimento de Isidoro, quando este trabalhava, para reprová-lo acerbamente e constatar a sua negligência. Mas qual não foi a sua maravilha quando viu, ao lado de Isidoro, dois arados puxados por possantes bois que trabalhavam com ele! Apresou o passo; mas os arados e os bois desapareceram. Interrogou ao servo de Deus de quem eram aqueles arados e aqueles bois e porque haviam desaparecido ao se aproximar. "Eu não tenho, respondeu o Santo, outro auxílio que o de Deus; eu o invoco no princípio de minha fadiga e não o perco de vista em todo o decorrer do dia."

Compreendeu o patrão o significado da visão e como era caro a Deus o seu servo; e constatou com os próprios olhos, que na circunvizinhança não havia terreno tão bem cultivado como o seu.

Uma presença de Deus tão continua elevou o Santo a uma sublime contemplação que não podia ser perturbado por nenhum trabalho. Estava um dia rezando na Igreja de Santa Maria Madalena, quando foi avisado de ir súbito socorrer um jumento assaltado por um lobo.

Ele continuou calmamente as suas orações, recomendando aquele serviço ao Senhor, e terminadas as suas devoções, voltou ao campo, onde encontrou o jumento que pastava tranqüilo e o lobo morto a seus pés. A virtude predileta de Isidoro era a caridade para com os pobres, nos quais via a pessoa de Jesus Cristo. Pobre, também ele, que ganhava o pão cotidiano com o suor de sua fronte, sabia achar modo de dar abundantes

esmolas.

Tendo um dia distribuído quanto tinha, apresentou-se pouco depois um outro pobre, suplicando por amor de Deus uma esmola. Cheio de confiança na Providên-



cia, Isidoro voltou à casa e a encontrou milagrosamente cheia de mantimentos, com os quais pode ajudar não só aquele misero, mas outros muitos. Vendo as criaturas na luz divina, às considerava todas como irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai que está nos Céus.

Indo um dia ao moinho com um saco de grãos, quando a campina estava vestida de branco manto de neve, viu um bando de azevitas semimortas pelo frio e pela fome. Compadeceu-se delas, pôs o saco no chão, abriu-o tirou um punhado de grãos e atirou-lhes dizendo: "Tomai, meus caros pássaros, que o bom Deus provê a todos." Um amigo que o acompanhava riu de sua simplicidade; mas

chegado ao moinho viu que o saco não diminuira, mas estava mais cheio do que antes.

Passou o resto de seus dias sempre confundido com os pobres agricultores e trabalhando no campo. Consumado pelos ardores da caridade voou ao eterno amplexo de Deus em 1160, na idade de 60 anos. O Céu circundou logo o humilde filho dos campos com o esplendor dos milagres e o tornou caro e venerado em toda a Espanha.

A glória dos monarcas desce com eles ao túmulo, mas a dos santos começa com a morte e dura a eternidade. Depois de 40 anos apareceu a um pobre homem, ordenando-lhe que fizesse transportar o seu corpo do cemitério para a Igreja. Mas ele, por medo ou falta de confiança descuidou da ordem e foi castigado com uma doença. Apareceu uma segunda vez a uma senhora, a qual foi logo tratar disso com o clero e magistrados e foi organizada uma solene procissão ao sepulcro. Ao primeiro golpe dado para desenterrar aquele bendito cadáver, todos os sinos da Igreja de santo André tocaram por si mesmos e só pararam depois de terminada a cerimônia.

O corpo foi achado fresco e incorrupto, exalando uma fragrância de Paraíso, sendo envolvido em panos preciosos, fechado num caixão novo e transportado solenemente para a dita Igreja, onde se mantém sempre inteiro e corado, resistente à corrupção. Durante a solene cerimônia, aquele pobre homem caído enfermo por ter desobedecido à ordem, readquiriu perfeita saúde. Isidoro no ano de 1619 foi declarado Beato pelo Sumo Pontífice Paulo V

O monarca da Espanha, Filipe III caiu gravemente enfermo e desenganado pelos médicos recorreu à proteção de Isidoro e fez levar as suas relíquias ao palácio. Admirável prodígio! No momento em que foi erguida a tampa do caixão do Santo, o Rei adquiriu perfeita saúde. Foi levado, em triunfo a Madrid, o corpo do santo e ano seguinte foi posto numa urna mais bela e mais rica. Finalmente a instâncias de Filipe IV no ano de 1622 foi incluído no número dos Santos por Gregório XV e declarado protetor da Espanha e sobretudo da Capital. Assim Deus honrava o

humilde agricultor fiel à sua santa lei e aos deveres de seu estado.

Santo Isidoro agricultor é uma prova do que afirmamos, isto é, que a santidade é fácil a toda condição de pessoas e esta consiste na prática exata das obrigações da própria situação social. Deus pode ser amado e servido tanto entre os quatro muros de um claustro ou num deserto, quanto no humilde tugúrio e entre os sulcos dos campos. Não é o hábito, o lugar ou o tempo que nos fazem caros a Deus e perfeitos nas virtudes; mas a prática constante dos mandamentos da lei divina e eclesiástica e dos deveres particulares impostos pelo estado de cada um.

Querer é poder e quem quer se faz santo com o auxílio da graça que sempre está pronta a revigorar-nos.

### **COLABORE COM O DESBRAVADOR**

Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades em nosso país. Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.

Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora continuará a sê-lo.

Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa.

Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem:

#### **BANCO ITAÚ**

Conta Corrente 00433 - 0 (Agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

#### **BRADESCO**

Conta Corrente 24019 - 2 (Agência 278 - 0 Gasômetro) São Paulo - SP

**Em nome do GRÊMIO SANTA MARIA**

**QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE**

# O PODER SOBERANO DA GRAÇA

**S**anto Estanilau Kostka, S. Luiz Gonzaga e S. João Berckmans conservaram sempre a inocência batismal e não tiveram que lutar contra os maus hábitos inveterados. E, portanto, poderá dizer alguém, para eles a virtude foi mais fácil e a estrada do Paraíso assaz cômoda.

Mas, respondo, na Igreja há muitíssimos outros santos que se fizeram tais, depois de uma vida pecaminosa. Antes, são mais numerosos os que caminharam pelo caminho da penitência e nós citaremos alguns dos principais, afim de alentar a nossa fraqueza e nos animar nas lutas que devemos sustentar contra as paixões:

Observai a Madalena. Pobre infeliz! Tornou-se o escândalo da Judéia, um instrumento de sedução diabólica e todo dia avança na via da iniquidade. Gasta sua enorme riqueza em festins, bailes e em procurar vãos adomos para seduzir os homens. Para estar mais livre e não ser reprovada, abandonou o pio irmão Lázaro e a boa irmã Marta, em Betania e retirou-se para o castelo de Magdalo. Aplaudida por uma turba de adúladores e deixado livre o freio a toda depravação, calcada a lei de Deus e de Moisés, tornou-se objeto de escândalo a toda a Sinagoga.

A tradição para dar-nos uma idéia da sua vida perversa, diz que fora invadida por sete demônios, símbolo dos sete vícios capitais, que tinham escravizado a sua pobre alma. A mulher quando se põe no caminho do pecado, torna-se

pior que o homem e arruina maior número de almas. Mas Deus queria mostrar nela os tesouros da sua infinita misericórdia, ensinar aos pecadores a confiança na sua bondade, sempre pronto a acolhê-los, se arrependidos voltam ao seu seio paterno, e a deteve no caminho do inferno.

Naqueles dias o Divino Redentor percorria a Palestina, pregando e anunciando a boa nova e mostrando grande ternura pelos pecadores. Madalena teve curiosidade de ouvir o Messias e aquela alma divina, aquela doçura inefável, aquela palavra cheia de unção celeste arrebatou-lhe o coração. Tocada pela graça, calcando aos pés todo respeito humano, tomou um vaso de unguento e correu à casa do fariseu para pedir perdão a Jesus; e não ousando olhá-lo em rosto, lançou-

se-lhe aos pés, lavou-os com lágrimas, enxugando-os com os cabelos e perfumando-os com bálsamo precioso.

Escandalizou-se o fariseu e disse consigo: - "Se este fosse profeta, saberia que a mulher é uma grande pecadora e o escândalo da Judéia." Mas Jesus lendo no coração do fariseu, tomou publicamente a defesa de Madalena, louvando-a e anunciando que lhe eram perdoados os pecados, porque se arrependera e amara muito. Madalena daí por diante só pensou em reparar os escândalos dados e amar o Divino Redentor com todo o transporte de seu coração. Mas quem pode descrever as lutas que teve de sustentar consigo mesma, com as suas más inclinações e com os maus hábitos arraigados? Certamente não faltaram

as chacotas do mundo que tinha amado tanto, os sarcasmos da gente, as tentações do espírito infernal. Mas foi perseverante nas suas resoluções e quis firmemente fazer-se santa, seguindo os ensinamentos do Divino Redentor.

Afeiçoou-se tanto a Jesus, que um dia tendo-se o mestre hospedado em sua casa, esqueceu-se dos afazeres domésticos para ficar prostrada a seus pés e ouvir-lhe a palavra divina, escolhendo a melhor parte e deixando que Marta se preocupasse em prover o alimento. Jesus recompensou o seu amor, ressuscitando-lhe o irmão Lázaro, já sepultado, e deu-lhe força de o seguir em toda a paixão até o Calvário, juntamente com sua SS Mãe. Depois da Ressurreição, apareceu-lhe

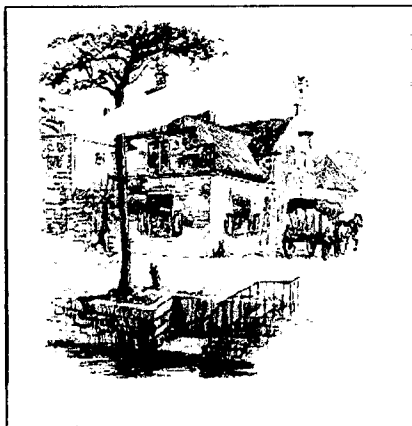


para a consolar em sua dor imensa e a abençoou juntamente com os discípulos e as piás mulheres quando subiu ao Céu.

Presa pelos esbirros judeus, com o irmão e a irmã, foi posta em uma nau sem velas nem leme e abandonada nas águas do Mediterrâneo. Deus fez aportar a embarcação em Marselha, e Madalena retirou-se em uma gruta para fazer penitência e dar-se à vida contemplativa, enquanto Lázaro foi sagrado bispo daquela cidade e Marta fundou um convento de piás virgens. Lá viveu 30 anos, chorando a sua vida passada, jejuando, mortificando-se e rezando assiduamente.

As lágrimas lavaram os pecados cometidos e tomaram tão bela e cara a Deus a sua alma que era elevada, pelos anjos, sete vezes ao dia para cantar os louvores divinos.

Maria Madalena tomou-se o tipo do pecador penitente que se converte a Deus e, com o auxílio de sua graça, lutando contra as paixões chegou a uma grande santidade. Todos os pecadores podem imitar os seus exemplos e Deus estará pronto a conceder a todo penitente as mesmas graças e os mesmos auxílios para elevá-lo a uma eminente perfeição. Mas exige a nossa cooperação e a obediência aos impulsos de sua graça.



Prossigamos a narrar outros exemplos que inspirem à nossa fraqueza.

O século quarto viu uma nova Madalena, esta chamava-se Tais. A mãe tratava-a com carinho, deixando-a fazer os seus caprichos e louvando a sua beleza; a filha tomou-lhe a mão indo além de toda expectativa. Pouco a pouco, tomou-se o escândalo da cidade de Alexandria. Adquirira um palácio, mobiliado com grande luxo, onde dava bailes e festins à gente dissoluta. Muitos chegavam até ao duelo por sua causa, deixando muitas vezes a vida e dando origem a ódios intermináveis entre as várias famílias. Quantas almas caíram no inferno por causa de Tais. Quantos perderam honra, patrimônio e saúde para satisfazer a sua vontade desenfreada!

A fama de sua depravação e da ruína de tantas almas chegou aos ouvidos do Abade Pafúncio, o qual chorou amargamente as ofensas que se faziam à Divina Majestade e rogou-lhe por aquela desgraçada. Inspirou-lhe Deus que tentasse a sua conversão. Dito e feito. Veste-se qual cavalheiro régio, enche de moedas a bolsa e corre à Alexandria. Admitido à presença de Tais, dá-lhe todo o ouro que tinha e propõe-lhe de se retirar a um lugar onde não fossem vistos por ninguém. Conduzido em vários gabinetes secretos, o santo abade não se mostrou contente, alegando que lá eram sempre observados. Então a desgraçada compreendeu que o desconhecido aludia à presença divina, à qual não podiam subtrair-se, fez-lhe severa admoestação mostrando a enormidade de suas culpas.

Penetrou a graça naquele coração e o converteu. Tais fez levar todos os móveis preciosos, as vestes, os

ouros e as pratas, frutos das suas iniquidades, à praça pública e os queimou, à vista de todos, pedindo perdão dos escândalos dados. Vestida com um saco foi para o deserto e encerrou-se em uma cela solitária, longe do consórcio humano a chorar as suas enormes culpas.

Licenciando-se do abade, perguntou-lhe como devia fazer oração. E ele, para que a convertida se conservasse sempre humilde: "Tu não és digna, respondeu-lhe, de pronunciar o nome adorável de Deus e por isso dirás: "Vós que me criastes, tende misericórdia de mim."

Naquela gruta, Tais passou três anos, derramando torrentes de lágrimas para lavar os seus pecados e impetrar misericórdia de Deus. Horríveis foram as tentações que teve que sofrer, atroz a luta que lhe moveram o maus hábitos adquiridos na sua vida escandalosa; mas triunfou com o auxílio da graça e elevou-se a um grau sublime de perfeição. O que não pode a graça quando encontra um coração dócil e uma vontade resoluta de amar o Senhor?

Depois de três anos de penitência, de jejuns, de oração ininterrupta e de atos contínuos de humildade, morreu consumida pelos ardores da caridade; voou ao Céu para receber a coroa conquistada. São Paulo, o simples, teve revelação do grau sublime de glória que mereceu com suas lágrimas, pensou que o lugar visto era de Santo Antão, seu ilustre mestre, foi-lhe dito ao invés que era o de Tais penitente. Oh, tu que lês estas páginas, em qualquer abismo de iniquidades, que acaso te precipitastes, não percas a confiança em Deus. Tu podes deter-te no caminho do inferno, voltar para trás e subir à grande perfeição. Deus está pronto a conceder-te os mesmos auxílios que à Tais e a fazer-te santo,



## PODER DA GRACA...

conquanto queiras e obedeças às inspirações de sua graça. Coragem, pois, e confiança.

Santa Maria Egípcia é também um triunfo da misericórdia divina, e um exemplo querido aos penitentes. Nasceu no Egito e com a idade de 12 anos fugiu da casa paterna para ir a Alexandria e entregar-se às mais graves desordens. Por 17 anos cometeu pecados de toda espécie, arrastando à perdição grande número de almas incautas, e não procurando outra recompensa aos seus pecados que o mesmo pecado.

Um dia viu uma multidão que embarcava numa nau; e perguntando qual o motivo, soube que iam em romaria a Jerusalém, para a festa da Exaltação da Santa Cruz. Veio-lhe o desejo de ir lá também. Chegada em Jerusalém tentou entrar na Igreja, mas sentiu-se repelida por uma força invisível todas as vezes que renovou a tentativa. Compreende-se facilmente que a sua vida escandalosa vedava-lhe a entrada e tocada pela graça começou a derramar lágrimas em abundância. Elevando os olhos, viu uma imagem de Nossa Senhora pintada numa parede na praça e lembrou-se de que Maria é o refúgio dos pecadores e a mãe de misericórdia. Recomendou-se com grande fervor a ela, pedindo a graça de entrar na Igreja e venerar a Santa Cruz, prometendo reparar a vida passada e fazer penitência. Pode então entrar na Igreja e depois de ter feito as suas devoções, inspirando-a Deus, passou o Jordão e se internou no deserto para começar uma vida santa.

Passou 47 anos sem ver criatura humana, alimentando-se de raízes e de ervas, sempre entregue à oração, às penitências e a chorar as suas enormes culpas. Nos primeiros 17 anos pareceu que todo o inferno se

desencadeava contra ela, suscitando-lhe terríveis tentações e batalhas espantosas.

As suas paixões, por tantos anos acaniciadas, voltavam e sua mente estava sempre cheia das coisas passadas e o demônio lhe sugeria pensamentos de desesperação, representando-lhe a enormidade das culpas cometidas. A arma a que recorria era a oração e a invocação de Maria SS., refúgio dos pobres pecadores. Apesar disso, triunfou do espírito do abismo, venceu os maus hábitos e chegou a um alto grau de perfeição.

Nos últimos tempos de vida, Deus mandou o santo abade Zosimo, afirm de que viesse a conhecer-lhe as virtudes heroicas e a fizesse conhecida ao mundo. Zosimo teve também revelação da glória imensa que Maria adquiriu com lágrimas e penitências; e não deixou por toda a vida de magnificar o Senhor, o qual é tão bom que se esquece de tantas iniquidades e faz erguer uma alma do lodo dos pecados à mais alta perfeição.

Santa Pelagia cumpre aquele sublime temário de penitentes que os séculos IV e V tanto tiveram que admirar. Na cidade de Antioquia, reunira-se um sínodo de Bispos para tratar das necessidades das Igrejas e, entre estes, notava-se S. Nonno, bispo de Edessa.

Estando um dia fora da Basílica de S. Juliano Mártir, viu passar Pelagia sobre um cavalo ricamente omado, com grande acompanhamento de servas e servos. S. Nonno, contra seu costume, acompanhou-a com olhar até que a

multidão desaparecesse no fim da estrada e depois, voltando-se para os seus, disse chorando amargamente: "Aquele desgraçada procura mais agradecer ao mundo, que nós a Deus!"

Retirando-se para o quarto fez longa oração por aquela infeliz, pedindo a sua conversão. Deus o ouviu. Pelagia, no domingo seguinte, teve curiosidade de ir à Igreja, onde ouviu a S. Nonno pregar com tanta eloquência sobre a fealdade do pecado e sobre os rigores da justiça divina, que ficou aterrorizada. Pediu publicamente perdão dos escândalos dados, distribuiu aos pobres o dinheiro e os haveres e recebeu o santo batismo e os outros sacramentos com as mais santas disposições.

Depois partiu de Antioquia e foi em hábitos de penitente a Jerusalém, no monte das Oliveiras, a fechar-se numa cela, sob o nome de Pelagia.



Lá passou o resto de seus dias nas penitências mais austeras, no jejum ininterrupto, no pranto de seus pecados e na meditação das verdades eternas. Teve que sofrer os assaltos mais furiosos do demônio, raivoso por aquela conversão, mas triunfou por meio da humildade e da confiança em Deus.



Do contínuo chorar as suas culpas, tinha quase perdido a vista e pelas penitências e jejuns tomara-se como um esqueleto coberto de pele e de pouca carne. Deus a visitava com as suas delícias celestes, alegrando-a com doces visões e colóquios inefáveis.

Expirou placidamente no osculo do Senhor e obteve uma glória grandíssima no Céu, onde exercitou sempre uma matema proteção pelas almas penitentes.

A vida de Santo Agostinho nos representa o exemplo de um homem viciado que se converte e que, com o auxílio da graça, chega a uma perfeição eminente. Nasceu em Tagaste, cidade da África, em 354, filho de Patricio, ainda gentio e de Monica, fervorosa cristã.

Os cuidados afetuosos da mãe não fizeram fruto algum no coração de Agostinho. Dotado de

engenho penetrante e profundo, vaidoso do próprio saber, entregou-se às paixões desregradas, trilhando o caminho do vício. Nas "Confissões", ele descreveu, mais com lágrimas que com palavras, os seus erros e confessa que bebera o cálice envenenado de Babilônia e experimentou toda espécie de prazeres ilícitos.

Tagaste, e depois Cartago, escandalizaram-se com sua vida dissoluta, que fazia um estranho contraste com a grandeza do seu gênio e a amplitude dos seus conhecimentos. Por cúmulo da desventura, caiu na heresia dos maniqueus e assim, à corrupção do coração, juntaram-se os desvarios da mente.

A pobre mãe vendo inúteis os avisos, não fazia senão chorar e rezar pelo filho pródigo para impetrar-lhe o arrependimento. Foi então que um santo bispo, ao saber das suas preces e dos seus gemidos, pronunciou aquelas palavras que se tornaram célebres e que passaram de geração em geração a confortar tantas mães desoladas: "É impossível que o filho de tantas lágrimas pereça."

Para não ouvir mais as incomodativas reprovações da progenitora, Agostinho embarca, sem que a mãe soubesse, para a Itália e se estabelece em Roma para ensinar letras.

Pouco depois foi mandado à cidade de Milão, onde a corajosa mãe o alcança para tê-lo sempre sob seus olhares e aproveitar, de todas as ocasiões, para tirá-lo da vida de iniquidade.

O glorioso bispo e doutor Santo Ambrosio foi o instrumento de que Deus se serviu para começar a sua conversão. Agostinho lutou muito tempo contra as suas paixões e os maus hábitos adquiridos e várias vezes esteve quase a romper os elos

vergonhosos que o tinham ligado, mas sentia-se sem coragem.

Finalmente com o auxílio da graça, triunfou e decidiu-se a começar uma vida nova, inspirada nos conselhos evangélicos. Após longa preparação recebeu o santo batismo, passou depois para a África, onde foi ordenado sacerdote e finalmente bispo de Hypona, iluminando, à guisa de sol, a África e toda a Igreja com a sabedoria dos seus escritos e a santidade da sua vida.

É digna de nota a luta contínua, perseverante, que sustentou, em toda a vida, contra as más inclinações adquiridas. Quantas lágrimas lhe não custou a castidade! Nas "Confissões" ele descreve os esforços, as precauções, as penitências, as vigílias, as lágrimas com que adquiriu a perfeição evangélica.

Mas quis, sempre quis, fortíssimamente quis; e conseguiu, com o auxílio da graça, vencer todos os maus hábitos e erguer um alto edifício de santidade sobre tantas ruínas de pecados e de maus costumes.

Se também nós levamos a vida dissoluta de Agostinho, imitemo-lo na conversão e seguindo os seus exemplos, com o auxílio do Senhor, tomar-nos-emos santos.



**Pe. André Beltrami - SDB**  
O verdadeiro querer é poder

# Santa Liduvina

## Um modelo dos doentes

**S**anta Liduvina pode-se com razão chamar o Jô do Novo Testamento, pelo número de dores que sofreu no corpo e pela invicta paciência com que as tolerou, bendizendo sempre o Senhor. Jazeu 38 anos, enferma num pobre leito de palha, sempre imóvel, atacada de toda enfermidade humana e com os membros todos martirizados de um mal todo particular.

Nasceu na cidade de Schiedam na Holanda, no ano de 1380, de pobres mas virtuosíssimos pais e a sua infância foi caracterizada por uma terríssima devoção para com a gloriosa Mãe de Deus, Maria SS. Chegada à idade de se casar, foi logo pedida em casamento por nobres jovens, pela sua beleza e pelas virtudes luminosas de que era adornada. Mas a boa virgem que tinha já escolhido para esposo o divino amante, rejeitou a todos, conquanto alguns apresentassem vantagens; e para tirar toda esperança ao mundo pediu ao Senhor que lhe tirasse toda a beleza corporal e a fizesse disforme de maneira a ser evitada por todos. Jesus a ouviu.

Na idade de 16 anos, enquanto brincava escorregando no gelo, foi empurrada violentamente por uma companheira e lançada por terra. Naquela queda rompeu-se-lhe uma costela do flanco direito; e desde

então esteve exposta a todas as enfermidades que a assaltaram de toda a parte.

Os remédios não só não puderam curá-la mas aumentaram seus males. Não podia nem dormir, nem comer, nem beber e Deus a sustinha milagrosamente em vida para santificá-la com os sofrimentos e torná-la modelo perfeito de paciência. Nos primeiros três anos de enfermidade podia arrastar-se ou andar de muletas, mas depois jazeu sempre na cama imóvel, deitada de costas, num quarto baixo, e mais semelhante a uma prisão, sem poder mover mais que o braço esquerdo e a cabeça.

Tinha a cabeça trespassada por dores pungentes à guisa de pregos, um olho cego e outro semicerrado, de modo que não podia tolerar a luz do sol e os lábios profundamente divididos até o queixo. Da boca, do nariz, dos ouvidos e dos olhos saía grande quantidade de sangue que causava espanto a todos os médicos. O pulmão direito foi se consumindo, bem como o fígado; e além disso fora vitimada pelo mal da pedra e por toda espécie de febre terçã, quartã, hética, de sorte que não houve uma veia, nem um nervo em todo o seu corpo que não fosse atormentado por uma dor particular. Em tal estado de vida, ou melhor, nesta morte contínua, Santa Liduvina passou 38 anos pobre, só, abandonada, e não tendo ninguém a quem voltar-se, senão o Senhor.

Deus lhe mandou um venerando Sacerdote, que lhe declarou como ela não receberia consolação nesta vida, senão na meditação contínua das dores amargas que o Filho de Deus suportou, pelos nossos pecados, na Cruz.

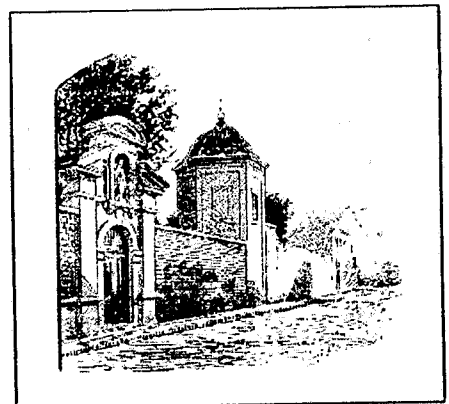
Além disso, exortou-a a pensar freqüentemente nos tormentos que

os santos mártires tinham sofrido por amor de Jesus Cristo. Levou-lhe o SS.Sacramento da Eucaristia e no administrar-lhe disse: "Tenho-vos exortado a refletir na paixão de Jesus Cristo; agora vem visitar-nos Ele próprio e cumular-vos de toda consolação."

A Santa ao ouvir tais palavras chorou ternamente e daí por diante fez seu alimento cotidiano a meditação das dores do Homem-Deus, inflamando-se de tanto ardor pelos sofrimentos que pedia sempre, como acréscimo aos seus males, para merecer graça aos pobres pecadores e às santas almas do Purgatório, das quais era devotíssima. No tempo da epidemia que grassou naquela cidade, suplicou a Nosso Senhor que retirasse a sua cólera do povo e que a castigasse em vez dos habitantes.

A caridade de Liduvina não era menor do que a paciência. Tendo-lhe a mãe deixado alguns móveis, ela os vendeu e deu o dinheiro aos pobres e o mesmo fazia das esmolas e das oferendas vindas de pessoas caridosas.

Margarida, condessa da Holanda, foi visitá-la e ficou admirada de ver em tanta pobreza e, em tal abandono do mundo, tantos tesouros e tantos dons do Céu; e aquele quarto pareceu-lhe mais belo do que o seu paço. Era objeto da mais alta admiração ver uma mulher crucificada com Jesus no Calvário,



circundada de espinhos pungentes e saturada de dores, esquecer-se de si própria para pensar nas necessidades dos outros.

Nosso Senhor aprovou com muitos milagres a sua caridade ímpar. Tinha uma bolsa que dava sempre dinheiro para os pobres sem jamais esvaziar-se. Num inverno a quarta parte de um boi e um punhado de ervilhas multiplicaram-se prodigiosamente de modo que pôde distribuir carne e legumes aos necessitados duas vezes na semana durante toda a estação.

Era muito humilde e considerava as suas pequenas faltas como grandes, submetendo-se ao juízo de cada um e desejando ser esquecida e desprezada. Tinha em casa uma cunhada de péssimo humor, de caráter bilioso que às vezes parecia uma víbora e a fazia sofrer não pouco com os seus maus tratos. Interrogada como podia sofrer aquela fúria: "É para corrigir-me, disse, com a paciência, e porque tais pessoas dão ensejo à prática da virtude aos que têm necessidade disso."

Não causa admiração o fato de Liduvina colher rosas no meio dos espinhos, nem de seu contentamento nas penas e nas dores, porque era muito favorecida por Deus. Vivia numa contínua familiaridade e em doce conversação com o seu Anjo da Guarda, que lhe aparecia muitas vezes e a alegrava com o seu sorriso celestial, fazendo desaparecer as trevas do seu coração aflito.

Ela mesma dizia que os maiores tormentos lhe eram leves e que não os sentia, apenas via a face do Anjo da Guarda. Além do seu, apareciam-lhe muitos espíritos celestes em forma humana, vestidos de luz e beleza inefável; e ela lhes falava como a irmãos, chamava-lhes pelo

nome e sabia de quem eram protetores. Nosso Senhor mesmo a favorecia com suas visitas e imprimiu-lhe no corpo os cinco estigmas, tornando-os porém invisíveis à vista humana, como à Santa Catarina de Sena.

Afligiu-se muito Liduvina pela morte de um de seus parentes e aquela dor demasiado excessiva fez-lhe perder parte das consolações divinas. Um santo homem tendo revelação disso, a advertiu daquela imperfeição afim de que se emendasse e se conformasse mais perfeitamente a sua vontade à divina.

Coberta de chagas, dos pés à cabeça, atacada por todas as enfermidades humanas, sempre imóvel em seu leito, exercitava um apostolado fecundíssimo entre as pessoas que iam visitá-la, exortando a todos à prática das virtudes cristãs. Teve o dom da profecia, dos milagres e lia nas consciências, conhecendo as disposições internas das almas. O Anjo da Guarda a conduzia às vezes a visitar os lugares santos da Palestina, os santuários de Roma e muitas Igrejas do Cristianismo.

Descia muitas vezes ao inferno e ao purgatório e livrava muitas almas padecentes, sofrendo ela em sua vez. As enfermidades cresciam com os anos. Nos últimos tempos de sua vida sofreu de epilepsia, de apoplexia, de perda da razão e sobretudo do mal da pedra, que devia conduzi-la à sepultura.



Teve revelação do dia e da hora de sua morte e para preparar-se pediu perdão a todos os presentes, se algum dia os tivesse ofendido de qualquer modo. Três dias antes de seu feliz trânsito, foi visitada pelo próprio Jesus Cristo que lhe ministrou a Extrema Unção, assistido por Maria SS. e por um numeroso cortejo de santos e anjos, deixando no quarto uma fragrância de Paraíso sentida por todos os da casa. Aumentou desmedidamente o mal da pedra e teve vômitos violentos; e ao terceiro dia depois da Páscoa expirou placidamente no osculo do Senhor, na idade de 53 anos. Muitos tiveram revelação da entrada de sua alma no Céu e da glória imensa que mereceu com trinta e oito anos de lento martírio e de agonia ininterrupta. Aquele corpo bendito, disforme e cheio de chagas, se tornou são, sem imperfeição alguma e deixando exalar um aroma suavíssimo, como se estivesse cheio de essências odorosas. Foi encontrado envolto num cilício, o qual serviu para expulsar os demônios do corpo dos energúmenos. Os numerosos milagres que se operaram por sua intercessão mereceram-lhe as honras dos altares.

A Santa Virgem Holandesa convida a todos os cristãos e principalmente aos doentes a fazerem-se santos no meio das dores e das penas com que Deus entrelaça a vida e demonstra claramente o nosso assunto, isto é, que todos os que querem, podem tornar-se perfeitos em qualquer estado ou condição que se encontrem.

# PAIXÃO DE CRISTO, CONSOLAI-ME

## 2) A Meditação Da Paixão De Cristo Nos Enche De Consolação

### a) Nas nossas angústias

Quem nos poderá consolar tão eficazmente neste vale de lágrimas como o nosso Salvador crucificado? Quem nos poderá tranquilizar quando nos sentirmos atormentados pelos remorsos de nossos pecados? O que mais, senão o pensamento de que Jesus Cristo se deu a si mesmo pelos nossos pecados? (Gál 1,4). “Meus filhinhos, eu vos escrevo isto para que não pequeis”, diz São João na sua primeira epístola (1 Jo 2,1). “Se alguém, porém, pecar, temos junto do Pai a Jesus Cristo por nosso advogado, e este é a propiciação pelos nossos pecados”.

Jesus Cristo não cessa de pedir por nós ao Eterno Pai, apesar de sua morte; ainda agora é ele nosso intercessor e, segundo São Paulo, parece que ele nada mais tem a fazer no céu senão pedir ao Pai misericordioso para nós. O Apóstolo chega até a dizer que Jesus Cristo subiu ao Céu justamente “para interceder continuamente por nós diante do Pai” (Heb 9,24). Assim como os rebeldes são expulsos da presença de seu rei, deveríamos também nós, como pecadores, ser repelidos da presença de Deus e nem sequer ser admitidos para pedir perdão; Jesus, porém, se colocou como nosso Salvador diante de Deus e alcançou-nos novamente a graça que tínhamos perdido.

Muito mais fortemente clama por misericórdia em nosso favor o sangue de nosso Divino Salvador do que o sangue de Abel por vingança contra Caim.



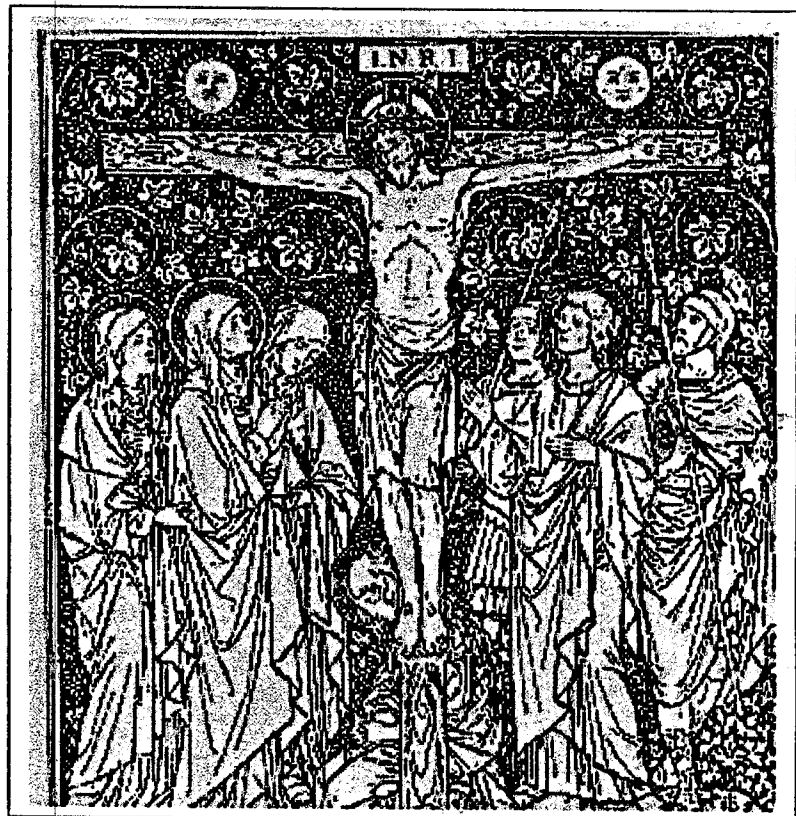
O sangue de Cristo prende, de certo modo, as mãos do Senhor, de forma que ele não as pode mais levantar para castigar os pecadores. “Que tens a temer, ó pecador, pergunta São Tomás de Vilanova (Trat. De Adv. Dom.), se pretendes deixar o pecado? Como te poderá condenar esse

amante Salvador, que morreu para te não condenar? Como poderá repelir-te quando te voltas para ele, se ele, quando fugias de sua presença desceu do céu em busca de ti?”

### b) Nas nossas tribulações

Onde encontraremos força para suportar com paciência e resignação todas as perseguições, calúnias, humilhações, perda de bens e honras, senão na meditação de nosso Salvador pobre, desprezado, e caluniado, que morreu despido e abandonado por todos em uma cruz? “Quando vemos as grandes tribulações de nosso Salvador crucificado”, diz São Bernardo (Sermô 43, in Cant.), “devemos menosprezar as nossas”. “Que coisa não te parecerá doce”, pergunta o mesmo Santo em outro lugar (Sermô 33, de div.), “se pensares na amargura de teu Salvador?”. Perguntado uma vez S. Elzeário, por sua esposa Delfina, como podia suportar tantas injúrias com tão grande calma, respondeu: “Quando me injuriam, penso no que sofreu o Salvador crucificado, e retenho esse pensamento até que volte por inteiro a calma”.

Quando, pois, nos sentimos interiormente abandonados e privados da presença sensível de Deus, unamos o nosso desamparo ao que Jesus Cristo sofreu na sua morte. Às vezes, o Salvador



se esconde às suas almas mais queridas; nunca, porém, se afasta de seus corações e continua a auxiliá-las internamente, com sua graça. Não se dá ele por ofendido quando, em circunstâncias tais, lhe dizemos o que ele disse a seu Eterno Pai, no jardim da Oliveiras: "Meu Pai, se for possível, afastai de mim este cálice" (Mt 26,39). Mas devemos também ajuntar imediatamente: "Não se faça como eu quero, mas como vós quereis". E se o desamparo continua, devemos também prosseguir na repetição desse ato de resignação, como o fez Jesus Cristo nas três horas de sua agonia.

A Irmã Madalena Orsini, que por muito tempo se achava em grandes tribulações, apareceu uma vez o Salvador crucificado e exortou-a a sofrer com paciência. A serva de Deus, respondeu-lhe: "Mas, Senhor, vós padecestes só três horas na cruz, ao passo que eu já sofro este tormento há vários anos". Jesus repreendeu-a então, dizendo: "Oh! Ignorante, que dizes? Desde o primeiro instante de minha existência no ventre de minha mãe, experimentei em meu coração tudo o que sofri mais tarde na cruz".

#### c) Nas nossas enfermidades

Que coisa nos poderá consolar mais em nossas doenças do que a vista de Jesus crucificado? Quando estamos doentes, temos ao menos um leito: Jesus, porém, em sua morte dolorosíssima, em vez de um leito, tinha o duro madeiro da cruz ao qual estava pregado com três cravos; em vez de um travesseiro, tinha, para repousar sua dolorida cabeça, aquela coroa de espinhos que o atormentou até o seu último suspiro. Como quisessem atar com cordas ao santo capuchinho José de Leonissa, para sujeitá-lo a uma dolorosa operação, tomou ele o seu crucifixo e exclamou: "Para que cordas? Eis aqui as minhas cordas: meu Senhor e Salvador, que foi pregado na cruz por amor de mim, é quem me ata; por suas dores ele me obriga a suportar pacientemente, por amor dele, toda e qualquer dor". E, à vista de Jesus, que na sua paixão não abriu a boca, como um cordeiro diante do que tosquia, sofreu ele a operação sem proferir um só palavra de queixa.

Quando estamos doentes, amigos compassivos e parentes estão ao redor de nós, procurando minorar as nossas penas; Jesus, porém, morreu no meio de seus inimigos, que não cessaram, mesmo na sua agonia e até ao seu último suspiro, de o injuriar e de tratá-lo como um criminoso e sedutor do povo. Certamente nada é tão próprio para consolar a um doente, especialmente se ele se vê

abandonado pelos homens, do que a vista de Jesus crucificado. Oh! Sim, a maior consolação que o doente pode então sentir consiste em poder ele unir seus sofrimentos com os de Jesus Cristo.

#### d) Na hora da nossa morte

Quando começa o último combate de um moribundo e os ataques do inferno, a lembrança dos pecados cometidos e das contas que brevemente terá de dar diante do tribunal de Deus, lhe ocasionam agonias mortais, a única consolação que lhe fica é abraçar a cruz e dizer: "Oh meu Jesus e meu Salvador, vós sois o meu amor e a minha esperança".

Achando-se uma vez enfermo, São Bernardo foi transportado, em uma visão, diante do tribunal de Deus e, aí, acusado de seus pecados pelo demônio, que lhe afirmava que ele não merecia o céu. Respondeu então o Santo: "Sim, eu não mereço o céu, mas Jesus tem um duplo direito a ele: primeiro, porque ele é o verdadeiro Filho de Deus; segundo, porque adquiriu o céu por sua morte. Ele contenta-se com o primeiro título e deixa-me o segundo; por isso peço o céu e espero alcançá-lo".

Assim podemos também falar, pois São Paulo diz que Jesus Cristo quis morrer consumido pelas dores para abrir o céu a todos os pecadores arrependidos, que estão decididos a não pecar mais. A vista do Salvador morrendo na cruz dava aos mártires a coragem e força de suportar com paciência os mais horrendos tormentos que a crueldade dos tiranos podia imaginar; e por isso os fazia não só suportar com paciência, mas até com alegria e com o desejo de sofrer ainda mais por amor de Jesus Cristo.

Eis a célebre carta que Santo Inácio Mártir escreveu aos cristãos, quando ele foi condenado a ser lançado aos animais bravios: "Meus filhos, eu sou o trigo de Deus; deixai que eu seja moído pelos dentes dos animais bravios, para que eu me torne um pão delicioso a meu Salvador. Eu procuro somente aquele que morreu por nós. Deixai-me imitar a paixão de meu Salvador. Ele, que é o único objeto de meu amor, quis ser crucificado por mim, e o amor que lhe tenho excita em mim o desejo de ser também crucificado por ele".



# O MARTÍRIO DE SANTO AGAPITO

O incomparável jovem de que vamos narrar a história resumida se chamava Agapito. Ele pertencia a uma das mais ilustres famílias de Preneste, pequena cidade conhecida hoje como Palestrina, situada a vinte e quatro milhas de Roma.

Agapito não havia completado 15 anos e fazia seus estudos em Roma quando é desencadeada a perseguição ordenada pelo imperador Aureliano contra os cristãos. Ele deveria ser uma das primeiras vítimas e se tornar Santo Agapito.

Aureliano manda chamá-lo a seu tribunal. A juventude do acusado, sua beleza, a melodia de sua destacada voz, o vigor, o fogo e a propriedade de suas respostas não consegue amenizar a severidade do imperador.

- Obedeça aos meus ditames e renuncia a Jesus Cristo, lhe diz Aureliano, ou te mandarei chicotear.

- César, eu vos agradeço, responde sem titubear o nobre adolescente, em sofrer a mesma pena que sofreu meu Senhor e meu Deus.

Açoitam Agapito com nervos de boi e tiras ornadas com bolas de chumbo, e cortam seus delicados membros com unhas de ferro. Sua heróica constância obtêm a conversão de 500 pagãos, que são mortos no mesmo lugar.

O imperador manda conduzir Agapito a Préneste, sua cidade natal. O cruel representante de Aureliano, lhe ordena queimar incenso diante da estátua de Júpiter. Uma enérgica recusa é a resposta do jovem cristão.

- Que o coloquem num calabouço e o deixem 4 dias sem comer e beber, grita o juiz. Talvez a fome e a sede vencerão esse jovem exaltado!

Durante o percurso, a multidão açulada pelos chefes pagãos o persegue a golpes de pedra.

Aparições celestes fortificam o jovem atleta na sua horrível prisão. Depois de 5 dias, tiram-no para comparecer novamente diante do juiz:

- Obedeça agora às ordens do imperador, lhe diz o magistrado com uma voz severa, ou o cavalete irá dominar tua insolente obstinação.

- Nem vós, nem vosso cavalete, afastará o meu amor por Jesus Cristo, responde o jovem herói.

Despojam no mesmo instante as suas vestes, estendem-no sobre uma horrível prancha de madeira. Os

nós da corda são imediatamente passados em torno de seus punhos e de sua clavícula e seus braços são violentamente arremessados para cima de sua cabeça.

- Uma última chance, antes de prosseguir, diz o juiz com cólera, eu o convido à obedecer os ditames do imperador, nosso deus e senhor, e sacrificares aos deuses, se quiseres escapar de tormentos mais cruéis.

- Eu vos repito, responde corajosamente a vítima, que nem os tormentos nem a morte me separarão do meu amor por Jesus Cristo. Eu só posso oferecer sacrifício ao verdadeiro Deus, e o oferecimento que estou pronto a fazer, sou eu mesmo.

Com um aceno do juiz, o executor dá uma volta rápida com as duas rodas do cavalete. Os membros do jovem adolescente foram bruscamente sacudidos. Um tremor e palidez súbita testemunham por si a intensidade dessa atrocidade.

- Ha! Ha! Grita o juiz, parece que sentiu isso! Espero que seja suficiente. Obedeça e logo serás libertado.

- Oh! Quanto é mais doce para mim estar estendido, como Jesus Cristo, sobre a cruz.

- Aqui, carrasco, rugo o juiz, derrame sobre sua cabeça carvões ardentes.

Rapidamente os cabelos do jovem se crepitam e ardem.

- Não me espanta que uma cabeça que deva ser coroada no céu seja queimada na terra, diz com doçura a vítima.

- Tu abusas de minha piedade, grita o juiz fora de si por ver tanta constância. Que seja chicoteado esse jovem obstinado.

E as varas, a golpes redobrados, laceram os membros do intrépido adolescente; todo seu corpo se transforma numa chaga, o chão fica inundado de sangue, seu corpo cai, mas sua voz não cessa de bendizer o nome de Jesus Cristo.

- Que se acenda uma fogueira! Urra o juiz num auge de furor.

Agapito é suspenso pelos pés acima dessa fogueira.

- É bem visível que tua inteligência é vã e não passa de um pouco de fumaça, diz ironicamente o invencível atleta.



- Açoitai até a morte este obstinado, vocifera o cruel representante do imperador, e me desembaracem depressa desse inimigo confesso dos deuses!

Quatro algozes em rodízio dilaceram o corpo de Agapito, que continua invocar o nome de Jesus Cristo.

Vencido e ébrio de cólera, o juiz, num acesso de raiva, cai de costas de seu tribunal e morre blasfemando o nome de Deus, enquanto um de seus assessores, Anastácio, tocado pela graça divina, proclama que o Deus de Agapito é o único Deus verdadeiro. Três dias depois Anastácio morre mártir.

Com essas notícias, o imperador Aureliano, furioso, corre de Roma a Preneste e manda chamar Agapito.

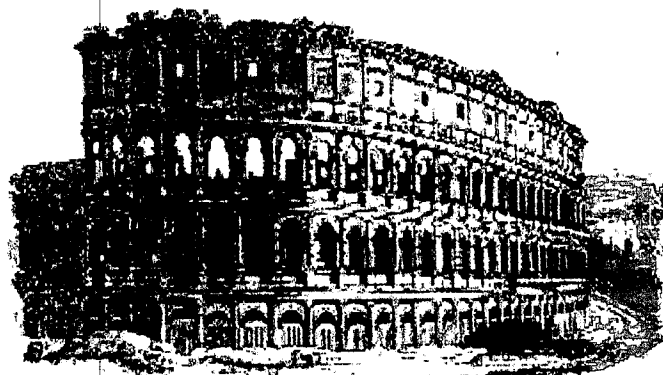
- Jovem insolente, lhe diz ele, tenha pena de tua juventude e de tua posição, obedeça-me, sacrifica aos deuses e conserva tua vida.

- Conservar minha vida quando entrevejo já as portas do céu abertas para me receber! Responde o jovem herói. É inútil, César, tentar-me por mais tempo. Minha resolução é inabalável. Eu desprezo vossas falsas divindades e só posso amar e servir a Jesus Cristo, meu único Senhor.

- Sim, eu perco meu tempo, bem o vejo, diz o imperador. Pois bem! Que exponham Agapito às feras!

Agapito é conduzido ao anfiteatro destinado aos combates dos animais mais ferozes. Uma multidão considerável amontoa-se nas grades. O próprio Aureliano quis assistir a esse horrendo espetáculo de morte. Agapito é levado para o centro da arena. Pode-se ver então um jovem que mal havia atingido os 15 anos, coberto de gloriosas feridas, de pé, sem temor, com os braços estendidos em forma de cruz e rogando a Deus com todo o fervor. Ele não se mexe, quando dois leões, com a boca entreaberta, se atiram de sua jaula para fazê-lo em pedaços.

Oh prodígio! Os dois monstros contornam a vítima, soltam rugidos terríveis, fazem movimentos impacientes com as caudas, mas nem um nem outro chegam a tocá-lo. Pouco a pouco suas garras diminuem por uma força misteriosa e divina; os dois leões deitam aos seus pés. De repente, por um sinal nobre e gracioso da mão de Agapito, docilmente, voltam para seu alojamento.



Surpresos com um tal prodígio, os Prenestinos se levantam e começam a gritar que o verdadeiro Deus é o de Agapito. Aureliano, temendo uma conversão em massa, diz:

- Condenamos Agapito, por desprezo às ordens imperiais, a ser punido pelo gládio.

- Em qual caminho e em qual limite militar o julgamento deve ser executado? Pergunta o carrasco.

- Que seja executado duas milhas distante da cidade, acrescenta o imperador.

Ao chegar ao lugar indicado para o suplício, Agapito levanta um instante as mãos e os olhos para o céu, depois se inclina calmamente. O carrasco brande a espada; um raio brilha e, pouco depois, flor e haste jazem num solo enriquecido de púrpura. Era uma terça 18 de agosto de 274.

#### ERRAMOS:

Em nossos números passados (219/220) à página 09 na terceira linha leia-se "*trabalhos da oficina junto de seu Pai putativo*". E à página 16, 3º parágrafo da coluna direita, 4ª linha: "*por eles morreu na cruz*".